

TRAMAS DA MEMÓRIA: Reconstituições orais da morte da Rufina no Cariri cearense¹

Cícero Joaquim dos Santos*

Entre a liberdade de falar, expressar e fazer ecoar suas visões e experiências sociais, vividas ou aprendidas através da escuta, os narradores reconstróem lembranças, elaboram representações e imagens do passado, e transmitem com seus gestos, expressões e olhares, novos saberes dando assim múltiplas versões sociais aos fatos presentes na memória. Dessa forma, compreendemos as narrativas orais como “práticas interpretativas” (KHOURY, 2004: 123).

Nesse contexto, o sentido de complexidade permeia as narrativas orais, e a memória toma o sentido de um “processo complexo” (JUCÁ, 2002: 109), livre no tempo, obtendo assim flexibilidade e dinamicidade, e marcada pela seletividade. Por sua vez, não encaramos isso enquanto um aspecto negativo. Ao contrário, vemos nas divergências da oralidade, uma fonte a mais para a análise e compreensão dos significados presentes nas construções dos relatos. É isso que analisaremos nesse artigo: a tradição oral da morte da Rufina, personagem do imaginário religioso do Cariri cearense, que por morrer tragicamente tornou-se uma santa popular entre os devotos que cultuam sua santa cruz (túmulo), erguida no local de sua morte, na ruralidade da região, município de Porteiras. Compreendemos a tradição oral a partir da denominação defendida por Julie Cruikshank: “um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimentos” (CRUIKSHANK, 2006: 155).

Nesse contexto, privilegamos as narrativas obtidas no quadro familiar, pois “a família é um dos suportes das tradições orais” (CRUIKSHANK, 2006: 160). Dessa forma, os relatos analisados foram obtidos de pessoas que pertencem à mesma família, e ainda de vizinhos e amigos seus. Assim, o ato de narrar não assume a referência apenas a um grupo social, mais sim as “relações de sentido” (BOURDIER, 2001: 136-137), que detém entre os atores sociais devotos da Santa Cruz.

¹ Este texto é uma adaptação do primeiro tópico do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, em andamento, intitulada *Tramas da Memória: A tradição oral da morte da Rufina no Cariri cearense*. Orientador: Prof. Pós-doutor Gisafran Nazareno Mota Jucá.

* Mestrando em História e Culturas na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

Nessa conjuntura, os entrevistados nos relataram lembranças suas das ocasiões de conversas com seus parentes mais velhos, não presenciando, assim, o momento em que o evento ocorrera. São assim memórias da escuta. Chamamos isso de “pós-memória” (SARLO, 2007: 92), como aborda Beatriz Sarlo quando escreve sobre a relação entre as memórias de uma geração que vivenciou um momento e elaborou sobre ele imagens memoráveis, e das gerações sucessoras que não o viveram, mas que detém lembranças do mesmo por meio das memórias transmitidas oralmente.

Ao indagar aos narradores qual a trajetória da personagem Rufina, sua origem social, as características pessoais e circunstâncias de sua morte, identificamos distintas representações sociais que lhes foram atribuídas. Como as narrativas orais estão livres e abertas à dinamicidade do ato de relatar sobre o passado, novos aspectos vão sendo incorporados com o passar dos tempos.

Já velhinha, sentada em sua cama na sala de sua residência, local onde recebia as visitas de seus amigos, familiares e vizinhos, Maria Constância do Espírito Santo, devota da cruz, mais conhecida por Mãe Velha, nos apresentou, nos seus 104 anos, sua narrativa perante um dos seus filhos, sua afilhada e vários jovens que a cercavam e a ouviam atentamente, ao estralar do gravador. Vejamos seu enredo narrativo:

Da cruz da Rufina, eu alcancei ainda, eu era menina ainda. Quando acabou arrancando de lá. Era uma muié do mundo, muié de Barbaia. Mãe contava que era muito bonita essa muié, e era junta com um homem de Barbaia. Aí o homem passou. Num tem uma estrada do mei assim pra aculá, pra sair lá no muquém [localidade próxima]. Aí o homem foi e agarro um nego. Eles tinha um nego. Diz que encheu uma caiga de tudo no mundo, tudo quanto era bom e botou num burro e botou ela na garupa e mandou o homem. Quando chegou no meio do baixio da Sivirina, o caba acompanhou ela. Aí atirou nela. E o caba correu. Aí quando acharo ela já tava toda esbagaçada dos bichos. Aí interrarro no mesmo canto. Diz que interrarro ela aí mesmo. O povo contava essa história. Interrarro ela aí mesmo. Aí ela ficou o povo ficaro fazendo promessa. Faz pra cruz. Finada Rufina, ela num era daqui não, era de Barbaia. Ela se chamava Rufina. Agora eu num sei se ela tian família porque mãe contava que ela era muié do mundo, que tava junta com esse homem de Barbaia. (...) Mãe contava essa história. Ainda viu ela, ainda. Disse que era uma muié muito alva, muito bonita, do cabelão. Era junta com esse homem de Barbaia. E a muié do homem mandou matar.²

² Depoimento de Maria Constância do Espírito Santo. Entrevista realizada em setembro de 2004.

Nessa narrativa, (re)elaborada a partir das lembranças reconstruídas por Mãe Velha das histórias que ouvira de sua mãe, Rufina era uma jovem muito bela, de cor branca e de longos cabelos. A mãe da narradora teria conhecido a jovem em vida, motivo pelo qual tomara conhecimento dos aspectos físicos da personagem. Ela relatou não ter conhecimento sobre a filiação da Rufina, apresentando, porém o local de sua moradia, Barbalha no interior cearense, antes da viagem para as terras porteirenses, na qual seria assassinada.

Um dos primeiros aspectos que nos chama a atenção é a construção de um enredo que segue como uma história marcada de suspense. Suas expressões ao narrá-la, com longas pausas e em alguns instantes com frases rápidas, demonstram sua maneira de narrar histórias populares, pois a entonação da voz, os silêncios e gestos podem expressar emoções e intencionalidades (BOSI, 1994: 90). No seu enredo narrativo, Rufina teria um caso amoroso com um homem de prestígio econômico na região, residente em Barbalha. O mesmo teria providenciado sua mudança, levando consigo variados produtos, e teria sido levada por um dos seus trabalhadores. Sua esposa seria a culpada da morte, pois ela teria ordenado a um outro homem, chamado de “nego”, que seguisse e matasse Rufina.

Isso denuncia alguns dos aspectos presentes na primeira metade do século XX na região, no período indicado nas narrativas como o momento de sua morte, como é o caso dos crimes constantes e da impunidade obtida por indivíduos que detinham privilégios econômicos e políticos na região.³ Nesse caso, a ordenação do assassinato da Rufina, pela esposa traída, presente na narrativa, expõe a presença na memória, e em sua transmissão, das circunstâncias marcadas pela violência por motivos conjugais no cotidiano dos sujeitos sociais dos fins do século XIX e das décadas iniciais do século XX no Cariri.

Outro aspecto da narrativa faz menção à identificação da Rufina como “muié do mundo”, termo transmitido pela mãe da narradora. Ele representa o sinônimo de prostituta. Isso em decorrência do suposto caso de amor existente entre ela e um homem casado. Essa expressão representa a maneira pela qual a jovem sobrevivia, ao mesmo contexto, em que expressa os valores morais da época, na qual a virgindade era vista como um indício da honra, e, por conseguinte, sua perda, desonra.

³ Sobre a violência e impunidade no Cariri cearense no referido contexto, ver Jornal Unitário. Disponível na Biblioteca Pública Meneses Pimentel – Fortaleza (CE). Também há diversas pesquisas, dentre elas citamos DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 139.

Na narrativa embora possamos perceber a construção do ato interpretativo do narrar associando aos momentos de escuta pela entonação dos mais velhos, as lembranças da narradora são relacionadas às narrativas entoadas por sua mãe. Dessa forma, a figura feminina assume a fonte de sua versão. Em outras palavras, sua mãe lhe contava. Isso nos faz pensar na relação entre o narrar acontecimentos no quadro familiar e sua relação com as funções sociais entre os homens e as mulheres no Cariri cearense.

No contexto de sua infância, primeira metade do século XX, as funções sociais nos lares, no que diz respeito às ações no quadro matrimonial, na interioridade do Cariri, estabeleciam limites às circunstâncias de conversas e aos assuntos que permeavam suas vozes. Nesse momento, comumente era negado falar de assuntos relacionados à sexualidade, traições amorosas e aspectos direcionados à vida de marido e mulher, com jovens e adolescentes. Tais postulados eram esclarecidos quando alcançavam a idade adulta, ou melhor, após o casamento. Nessas circunstâncias cabia a personagem materna a função de relatar os assuntos que dizem respeito à sexualidade, para suas filhas. Talvez isso esclareça o fato de que a figura paterna não apareça na narrativa tecida por Mãe Velha sobre a morte estudada.

Ao conversar com os familiares de Mãe Velha, amigos e entes queridos, que ouviram em diferentes momentos de suas vidas as histórias narradas por ela, já na velhice, percebemos um elo que permeia as narrativas. Vejamos a narração de sua filha, Agda Maria, Dona Dalva, que aos seus 79 anos, relatou quando conversamos:

Ela foi matada, mandada por uma mulher. Diz que ela era junta com um homem, e a esposa dele, ele ia roubando ela pra Pernambuco na garupa do cavalo, e aí a esposa dele mandou um nego atrás e derrubou ela pelos cabelos e matou. Matou ela onde era a cruz. Matada de faca, foi violento. O nego matou e foi se embora e o homem sumiu com medo do homem que ia com ela na garupa, ia roubando ela pro lado do Pernambuco, que o homem que era junto com ela tinha mandado deixar ela no Pernambuco mode a mulher dele. Isso aí é coisa do outro tempo, já morrero tudo, já se acabou tudo. Só quem contava era mãe.⁴

Como podemos perceber, em sua versão, Dona Dalva ressaltou alguns aspectos já mencionados no relato de sua mãe. Entretanto, apresentou novos indícios, como é o caso do

⁴ Depoimento de Agda Maria da Conceição. Entrevista realizada em julho de 2007.

destino da Rufina em sua viagem. Isso reflete o processo de (re)elaboração deste evento entre os sujeitos que narram. Assim, a pós-memória “também tem conflitos e contradições característicos do exame intelectual de um discurso sobre o passado e de seus efeitos sobre a sensibilidade” (SARLO, 2007: 92). Dona Ilma Fernandes, em uma entrevista nos falou:

A história da Rufina desde de criança que eu ouvia falar. Quando eu saí pra estudar em Missão Velha, na casa de minha tia Lira, irmã de mamãe, que depois eu fiquei na casa de Madrinha Sinhá, eu já ouvia falar. E madrinha sinhá dizia: - vêm cá Ilma, mamãe sabe um pedaço dessa história. Aí falar com mãe Joaquina, que nessa época já tinha 75 anos, olhe como faz tempo, e mãe Joaquina já ia falano, já ouvia falar.⁵

Isso demonstra mais uma característica da pós-memória: seu aspecto fragmentado, visível nos depoimentos, como na expressão “um pedaço dessa história”. Dessa forma, pensar os pedaços que constituem essa trama, é reconhecer a dinamicidade do ato interpretativo do narrar, e lembrar que o mesmo é sempre uma representação de algo que já não existe. Nesse sentido, com o lembra Walter Benjamin, “os fragmentos compõem sentidos” (BENJAMIN, 1996: 224). O que, nas palavras de Sarlo, demonstram um reconhecimento da “não totalidade da rememoração” (SARLO, 2007: 99).

Nessa dinâmica, as vozes dos narradores são reafirmadas pelos ouvintes, que imaginam e representam o passado, como vemos quando realizávamos a entrevista com Dona Dalva. Na ocasião, a fala de Ilma apresentou novos aspectos à narrativa, que logo foram reafirmados pela entrevistada:

Foi assim que nem Ilma contou. Que ela disse que viu o finado Antônio Piçarra contano. Mas a gente, num foi do nosso tempo não. Eu num alcancei esses tempos não, eu sou nova a vista de mãe [Mãe Velha], E ela também [Ilma], mas ela já viu o povo contano, e eu também via minha mãe contano. A morte dela foi assim.⁶

Podemos perceber que, alguns dos narradores deixaram em suas falas alguns sinônimos de dúvidas quanto à veracidade dos fatos narrados. Isso é decorrente, entre outros motivos, da não vivência do ocorrido, ou seja, por não serem testemunhas vivas do evento, e sim por terem “ouvido falar”. Dessa forma, livram-se da responsabilidade da

⁵ Depoimento de Maria Ilma Fernandes. Entrevista realizada em julho de 2007.

⁶ Depoimento de Agda Maria da Conceição. Entrevista realizada em julho de 2007.

veracidade dos dados narrados, em caso de enganos, pois suas versões são decorrentes da escuta, recaindo o cargo sobre os mais velhos. Vejamos a narração de Ilma Fernandes:

A história que eu ouvi falar da cruz, que a dona Rufina, essa senhora, essa mulher, ela tinha um caso com um fazendeiro rico daqui. Não mencionaram o nome. Esse fazendeiro, diz que era muito rico. Isso aqui era tudo mata, era só mata num sabe. Aí esse fazendeiro morava ali, era município de Porteiras, mas sendo ali por perto do Jati, do Balsamo pra culá. Aí diz que esse fazendeiro se apaixonou por ela, que ela era muito bonita. Eu fiz uma pesquisa pra ver como foi o problema dela. Aí a esposa tinha muito ciúme. E nesse tempo os coronéis eram quem mandavam por aqui. Aí muita gente depois que soube dessa barbaridade, que essa mulher tinha pegado um nego pra pegar uma mulher Rufina, que era dentro da mata que o cara, o marido dela vinha namorar com ela num sabe. Aí até que ela descobriu onde era. Mandou a pessoa seguir a pé. Ela (Rufina) a cavalo e ela mandou uma pessoa seguir a pé, pra encontrar a dona Rufina com ele. Aí quando ele saiu que botou ela no cavalo, o cara também se muntou num jegue e foi atrás. Aí ela tinha um cabelo muito grande. Diz que o cabelo dela era nos quadriz. Aí pelo cabelo ele derrubou ela, num sabe. Derrubou ela da garupa do cavalo do amante dela e a matou. E fez a maior barbaridade. Morreu traumatizada. Morreu toda cortada num sabe. Foi assim uma coisa muito... (...) Foi uma morte martirizada, aí por conta dessa morte martirizada, os mais velhos, que ..Mãe Velha que me contava.⁷

Na versão narrada, vemos uma aproximação da trama para sua região natal. Ou seja, o esposo traidor, um rico senhor de engenho, residia, agora, nas terras de Porteiras. Dessa forma, o enredo do evento é relacionado aos lugares próximos e a personagens conhecidos na região, embora não citados na narração. Segunda a narradora, Rufina encontrava-se com seu amante na mata fechada, local onde posteriormente foi erguida sua cruz. A esposa, por sua vez, colocara um dos seus empregados para seguir o cavalo que a levava ao encontro do rico senhor fazendeiro. No percurso ela teria sido derrubada pelos seus grandes cabelos e assassinada.

De outra forma, compreendemos que outros narradores procuraram demonstrar em suas falas a legitimidade do narrado. Nessas ocasiões, a entonação da voz grave, a firmeza expressa nas faces e o sentido de certeza obtida a partir da escuta da versão, tomando como referência os familiares mais idosos, são demonstrações dos narradores que garantem a legitimidade de suas falas. Como foi o caso da entrevista realizada com

⁷ Depoimento de Maria Ilma Fernandes. Entrevista realizada em julho de 2007.

Antônio Baião, sobrinho de Mãe Velha. Eis sua narrativa obtida nos seus 79 anos em maio de 2005, quando, em uma tarde de domingo, embaixo de uma grande árvore, narrou a experiência social da morte da Rufina para um grupo de amigos(a), composto por adultos, idosos, e crianças, perante um gravador:

Por que ela era uma mulher de vida livre de um senhor de engenho aqui no pé da serra. Ela era uma mulher de um senhor de engenho aqui no pé da serra e a mulher do engenheiro descobriu e que o marido dela tava amando a ela. Então ela tava até grávida dele. Aí ele soube que a mulher ia peitar um caba pra matar ela. Ele foi, fez uma carga de queijo, de tudo quanto era coisa num burro (pausa), pra tirar ela pra fora. Mas deixa que a mulher peitou o caba pra no caminho matar. Num teve jeito, porque o cara já foi a mando do patrão. E depois desse desastre, ele desapareceu, porque o patrão mandava matar também. Então a causa da Rufina foi essa. E quando chegou ali, aí ele enfrentou, lutou. Diz que ela ficou amassada toda. Aí matou e enterrou. Ficou com um braço de fora. Aí os caçador achou. (...) Quem matou ela, foi peitada pela mulher do patrão. O patrão mandou deixar ela, mais a mulher disse: - tu vai deixar e no caminho tu mata ela. Aí foi embora. Aí dobrou o valor do dinheiro e ele matou ela e abriu no mundo que se voltasse pra cá o patrão matava.⁸

No seu ato narrativo a trama memorável é marcada por ser um evento planejado friamente, e envolve a representação de uma criança, pois Rufina encontrava-se grávida, o que aumentava o sentido trágico de sua morte. Em suas memórias, como as citadas por Ilma Fernandes, anteriormente, vemos uma trama que envolve moradores da localidade, ou seja, o desencadear do evento ocorre nas localidades próximas, e os atores envolvidos seriam também moradores da região, agora residentes na contra da Chapada do Araripe.

O narrador abordou a idéia de um evento programando, no qual ciúmes, amores, suspense e dinheiro obtêm relevância. Como vimos, ao tomar conhecimento que Rufina encontrava-se grávida, e que por sua vez, sua esposa planejava matá-la, o coronel teria traçado um plano para livrá-la da ira da patroa traída. Por sua vez, ela tomara conhecimento e tramou, com o mesmo empregado que havia recebido as ordens do coronel, que desaparecesse com Rufina, em troca lhe entregara muito dinheiro. A reprodução da fala dos personagens atua como uma reafirmação da veracidade do ocorrido.

⁸ Depoimento de Antônio José da Silva. Entrevista realizada em maio de 2005.

No percurso da viagem, no momento em que o empregado tentava concluir o plano da patroa, Rufina teria tentado fugir, o que demonstra a reação da personagem, que na narração obtém um dos momentos de forte atenção. Entretanto, não conseguira livrar-se do mal que lhe fora planejado, e após reagir, foi assassinada. Após várias horas de conversa, no final, o narrador abordou quem seriam os personagens da trama trágica: O coronel Raimundo Cardoso, e sua esposa. O mesmo deteve poder político e econômico na região entre as décadas finais do século XIX e os inícios do século XX, sendo inclusive citado como um personagem que marcou o tempo da morte da Rufina, como vimos no capítulo anterior. Eis a conclusão de sua narrativa:

Diz os mais velhos, os mais velhos contava que era de seu Raimundo Cardoso, a mulher dele. Que ele era um chefe do poder. Os mais velhos que contava. E ela [Rufina] sendo uma mulher muito bonita... E a mulher dele descobriu que ela tava sendo amante dele. Quando ele viu que ela num tava gostando, ele mandou tirar ela pra uma fazenda no Poço. Aí no caminho a mulher peitou pro caba matar. Segundo a conversa que eu ouvi os mais velhos contar.⁹

Repetindo varias vezes a expressão “os mais velhos contava”, o narrador quebrou com um silêncio que ocultava os nomes dos personagens do enredo trágico, não percebidos nas narrativas anteriores. Lembremos que o “não-dito possui razões complexas”, silenciando informações muitas vezes pelas circunstâncias políticas e afetivas dos sujeitos (POLLAK, 1989: 7-15). Desse modo, vale ressaltar que a família dos Cardoso é considerada como uma das famílias que contribuíram para a formação da sociedade caririense, atuando como povoadores da região, nos séculos XVIII e XIX, sendo de origem portuguesa. Nesse contexto, influenciou na formação da hierarquia social do povo do Cariri. Na primeira metade do século XX, seus descendentes, coronéis de prestígio social, ingressaram na política como intendentess municipais e tenentes da guarda nacional, como é o caso do próprio Raimundo Cardoso (MACEDO, 1990: 181-182; TAVARES, 2005: 38).

Entretanto, além das versões apresentadas, Maria Sabino de Araújo, de 85 anos, conhecida por Sinharinha, que também afirma ter vivido o contexto da morte da personagem, ainda criança, enfatiza uma outra versão, embora em sintonia com outras

⁹ Depoimento de Antônio José da Silva. Entrevista realizada em maio de 2005.

apresentadas, demonstrando um conjunto de detalhes, abordando diálogos e relatando uma trama heróica, de bravura e coragem.

Da cruz da finada Rufina? Da morte dela? Eu era muito criança quando matarro ela. Mas meu pai contava tudo direitm, que quem achou o cadáver estragado e interrou foi meu pai. Foi da finada Rufina. (...) Ela passou de tarde. Papai disse: - Rufina, num vai hoje não, dorme e deixa pra tu ir amanhã que eu vou te passar lá nas banhas de galinha, lá na cruz dela. Ela disse: - Não Sabino, hoje eu tem que ir dormir mais Antônio Xavier nas cacimba. E ele disse: - Rufina, eu fui uma caçada lá embaixo e lá nas banheiras você passe bem ligeiro que lá ta apareceno umas presepadas. Quando você trata que vem... eu vou caçar lá. E eu presencieei que lá tem uns caba. E ela disse: - Oxente quem me guarda é Deus, e eu vou em meu cavalo. Aí foi se embora. Diz que era umas três horas da tarde. Aí tirou aí por dentro. Diz que ia pras cacimba dormir mais o morixaba, Deus me perdoe, o capanga dela. A muié de Antônio Xavier morava nos Cocos. Aí foi e mandou matar ela nas banheiras. Aí matarro. Papai tinha uma esperança de um jacú, pra lá, aí foi. Ela passou num dia, e no outro (silêncio). Aí ele foi, aí achou. O cavalo chegou lá. Aí Antônio Xavier veio aí disse: - Eu vou lá na casa de Sabino, perto das Purteras, que lá ele me dá uma notícia que ela toda vez passa lá. E o cavalo chegou, e ela não chegou. Mataro ela. Aí ele chegou e disse: - Sabino, Rufina passou por aqui. Disse: - Passou, ontem de tarde. Aí foro já tava toda esbagaçado, rasgaro ela toda. Aí papai vei em casa, e ele foi se embora pras cacimba. Aí papai vei e levou uns ferro, cavou lá e interrou. O cadáver dela tava toda cortada, toda pinicada. Papai quando ia passano pra espera do Jacu, viu um urubu trepado no pé de pau. E ela disse: - Aqui tem uma novidade. Aí quando caminho mais pra frente, viu foi aquela lapada de sangue pelo chão. E ele disse: - Aqui foi onde matarro Rufina. Aí saiu. Achou perna, braço, cabeça. Cortaro ela toda. Pinicaro mermo. Aí papai ajuntou. Aí cobriu com uns garranchos. Aí veio em casa levou os ferro, cavou a cova e interrou. Aí mandou fazer uma cruz. Quem fez foi o finado Inácio lá no Sabão. Fez a cruz, um cruzeirão. Aí botou lá Ficou obrano milagre: a alma da Rufina.¹⁰

Nessa narrativa, a representação do pai da narradora obtém constantemente entonação na trama. Ele é entendido como um ator social que poderia ter mudado o destino da Rufina, se por acaso, ela o tivesse lhe ouvido, e dado atenção aos seus conselhos. Reproduzindo suas palavras com Rufina, a narradora citou que João Sabino, seu pai, anunciara a personagem dos perigos que permeavam a região, pois durante suas atividades de caçador, teria percebido que alguns homens escondiam-se na mata. E estes poderiam lhe fazer o mal. Ele lhe teria solicitado que aguardasse a continuidade de sua viagem para o dia

¹⁰ Depoimento de Maria Sabino. Entrevista realizada em outubro de 2005.

seguinte, pois teria sua companhia durante a passagem pelo “lugar de percursos” (CERTEAU, 2007: 203).

Demonstrando os sentidos de coragem e valentia, Rufina teria negado aceitar sua proposta, visto que tinha um encontro marcado com o homem a quem amava. Dessa forma, sem temer os indivíduos que escondiam-se na mata, em seu “grande cavalo”, e principalmente, com a proteção de Deus, ela seguira o seu destino. Foi assassinada a mando da esposa traída que residia no sítio Cocos, município de Barbalha. Nessas circunstâncias, os indivíduos que lhe causaram a morte traumática já se encontravam no local, à espera da hora adequada para fazê-lo.

João Sabino, ao presenciar as marcas do crime e ao perceber os elementos da natureza que cercavam o local, encontrou os restos mortais da vítima, providenciando seu sepultamento. Nesse sentido, a representação do pai na narrativa obtém relevância, atuando como um sujeito social que, mesmo não conseguindo impedir que o pior acontecesse a Rufina, na medida em que tentara lhe avisar dos perigos do lugar, teria realizado o enterro do seu corpo e providenciado uma cruz, marcando assim o recinto de sua morte. Por conseguinte, teria contribuído para o alívio das dores da vítima, pois seu corpo, mesmo dilacerado tivera um sepultamento e, no lugar uma cruz, que lhes protegia dos espíritos malignos. A cruz contribuía ainda para a permanência da sua memória (REIS, 1997: 98).

As representações que a narradora construiu de seu pai, um sujeito social que assume um papel dentro da trama, nos fez pensar na relação entre o ato de narrar e as (re)elaborações do evento, pois o narrador, como aborda Benjamin, (re)constrói as narrativas de acordo com suas subjetividades (BENJAMIN, 1996: 205). Nesse caso, ele atua como um personagem que conta. Dessa forma, João Sabino é a referência da versão apresentada pela narradora, pois foi por meio de suas narrativas que Sinharinha tomara conhecimento do crime que marcou suas memórias, fortalecidas pela participação do mesmo no enredo.

Portanto, a experiência do narrador é também acrescida na narrativa. Assumindo um papel ativo na trama, o sujeito que conta pode passar a assumir também a centralidade do enredo narrativo, como Lembra Portelli (PORTELLI, 2004: 311-312). Nesse caso, o pai de Sinharinha. Por sua vez, ao indagarmos às filhas desta sobre a trajetória analisada, percebemos que reconstruíram a imagem de sua mãe como detentora dos saberes

relacionados à morte estudada. Dessa foram, podemos notar que Sinharinha assume a centralidade de suas narrativas orais. Por sua vez, a matriarca atribui ao seu pai, a fonte de suas narrações. Conseqüentemente, identificamos a construção de representações sociais memoráveis que atribuem aos mais velhos a sabedoria dos acontecimentos que marcaram a região, ou seja, a fonte de suas versões: a matriz narrativa. Concomitantemente, percebemos que os familiares de Mãe Velha também conferem a ela os saberes de suas narrações. Eis essas palavras: “Converse ali com tia Maria que ela lhe conta direitinho”. Disse-nos Antônio Baião.

Dessa forma, tanto os familiares de Sinharinha, quanto os familiares de Mãe Velha, atribuem a estas os sentidos de detentoras dos saberes relacionados à tradição oral analisada. Dessa forma, se apóiam em suas palavras para construir seus enredos narrativos sobre a morte estudada, ou seja, suas interpretações memoráveis do momento de escuta, embora apresentem divergências.

A partir dessas reflexões podemos identificar dos aspectos que lhes são relacionados. Primeiro, a representação de guardiãs da memória. Segundo, a construção social das memórias da morte. Tais palavras nos recordam que, embora possuam raízes narrativas, em nosso caso as remanescentes guardiãs da memória, as narrativas sofrem constantemente o processo de reconstituição oral, na medida em que são trabalhadas simultaneamente entre os sujeitos sociais. Como as “tradições orais têm por propósito elucidar a memória”, permitem a elaboração de novas interpretações para com o passado e o presente (CRUIKSHANK, 2006: 158).

Vemos, portanto, que a organização da trajetória da Rufina obtém um elo de sentido que permeia todo o desencadear do evento, como a representação de uma mulher prostituta, visíveis nas palavras “mulher de vida livre”, que por deter um caso de amor com um senhor casado, morreu brutalmente. Também possui divergências com outras narrativas citadas no mesmo grupo familiar. Isso, por sua vez, se explica quando lembramos que a pós-memória, marcada na tradição oral, é uma representação de um momento de escuta, ou seja, uma trama de subjetividades. Nesse contexto, as origens sociais e o contexto em que as narrativas emergiam obtém relevância como elementos fundadores das divergências dos relatos orais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- E.E.F. Adalberto Leite Tavares. **Personalidades da história de Porteiras**. Porteiras: Prefeitura Municipal, 2005.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos S. B. (Org.). **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- KHUORY, Yara. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Muitas Memórias**, outras histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A polifonia urbana expressa na oralidade. In: **Trajetos**, Fortaleza: UFC, Vol. 2, n.º. 3, 2002.
- MACEDO, Joaryvar. **Império do bacamarte**: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense. Fortaleza: UFC, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória, silêncio, esquecimento. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 7-15.
- PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et tal. **Muitas memórias**, outras histórias. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.